

# LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA BRASILEIRA

Com base nos textos A e B, responda às questões de números 01 a 04.

## TEXTO A

o bicho alfabeto  
tem vinte e três patas  
ou quase  
por onde ele passa  
05 nascem palavras  
e frases  
com frases  
se fazem asas  
palavras  
10 o vento leve  
o bicho alfabeto  
passa  
fica o que não se escreve.

(LEMINSKI, Paulo. *Melhores poemas de Paulo Leminski*. São Paulo: Global Editora, 2001.)

## TEXTO B

### SOBREVIVER PELA PALAVRA

Acho que foi a minha inaptidão para o diálogo que gerou o poeta. Sujeito complicado, se vou falar, uma coisa me bloqueia, me inibe, e eu corto a conversa no meio, como quem é pego  
05 defecando e o faz pela metade. Do que eu poderia dizer, resta sempre um déficit de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito, – o que me deixa um saldo  
10 mortal de angústia. Mesmo desde guri, no colégio, descobri essa barreira em mim, que não posso vencer. Sou um bom escutador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar. Assim mesmo sem linearidade,  
15 por trancos, por sugestões, ambíguo – como requer a poesia.

(BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.)

## Questão 01

O tema do texto de Paulo Leminski é o processo e o sentido da escrita associados aos atos de semear e de soltar a imaginação.

Transcreva do texto os versos que comprovam cada uma dessas associações.

---

## Questão 02

Comprove que, no texto de Paulo Leminski, as palavras *leve* (v. 10) e *passa* (v. 12) são ambíguas.

**Questão 03**

*Do que eu poderia dizer, resta sempre um déficit de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito, – o que me deixa um saldo mortal de angústia.* (texto B, l. 5 - 10)

No trecho destacado acima há dois verbos cujos sujeitos expressam quantidade.

Transcreva esses verbos e, com base nas regras de concordância gramatical, indique por que um está no singular e o outro no plural.

**Questão 04**

*Sou um bom escutador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar.* (texto B, l. 12 - 14)

Reescreva o trecho acima em um único período constituído de uma oração subordinada concessiva e uma oração principal.

**Com base nos textos C e D, responda às questões de números 05 e 06.****TEXTO C**

Godofredo Walsh era um desses velhos sublimes, em cujas cabeças as cãs<sup>1</sup> parecem o diadema prateado do gênio. Velho já, casara em segundas núpcias com uma beleza de vinte anos. Godofredo era pintor: diziam uns que este casamento fora um amor artístico por aquela beleza Romana, como que feita ao molde das belezas antigas – outros criam-na por compaixão pela pobre moça que vivia de servir de modelo. O fato é que ele  
05 a queria como filha – como Laura, a filha única de seu primeiro casamento – Laura, corada como uma rosa, e loira como um anjo.

Eu era nesse tempo moço: era aprendiz de pintura em casa de Godofredo. Eu era lindo então! que trinta anos lá vão! que ainda os cabelos e as faces me não haviam desbotado como nesses longos quarenta e dois anos de vida! Eu era aquele tipo de mancebo ainda puro do ressumbrar<sup>2</sup> infantil, pensativo e melancólico como o  
10 Rafael se retratou no quadro da galeria Barberini. Eu tinha quase a idade da mulher do mestre. – Nausa tinha vinte – e eu tinha dezoito anos.

Amei-a, mas meu amor era puro como meus sonhos de dezoito anos. Nausa também me amava: era um sentir tão puro! era uma emoção solitária e perfumosa como as primaveras cheias de flores e de brisas que nos embalavam aos céus da Itália.

15 Como eu o disse – o mestre tinha uma filha chamada Laura. Era uma moça pálida, de cabelos castanhos e olhos azulados; sua tez era branca, e só às vezes, quando o pejo<sup>3</sup> a incendia<sup>4</sup>, duas rosas lhe avermelhavam a face e se lhe destacavam no fundo de mármore. Laura parecia querer-me como a um irmão. Seus risos, seus beijos de criança de quinze anos eram só para mim. À noite, quando eu ia deitar-me, ao passar pelo corredor escuro com minha lâmpada, uma sombra me apagava a luz e um beijo me pousava nas faces, nas trevas.

Muitas noites foi assim.

(AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.)

<sup>1</sup>cabelos brancos

<sup>2</sup>desabrochar

<sup>3</sup>vergonha

<sup>4</sup>ruborizava

**TEXTO D**

João da Mata (...) estava fora de si, tinha a cabeça a arder como uma brasa. Seu temperamento excessivamente irritável expandia-se com desespero ao mesmo tempo que seu coração de homem gasto sentia pela primeira vez um quer que era, uma agonia, uma sufocação ante a possibilidade de um namoro entre o estudante e a afilhada. Não era precisamente receio de que Zuza pudesse iludir a rapariga desonrando e atirando-a por aí ao desprezo; 05 era uma revolta do instinto, uma espécie de egoísmo animal que o torturava, acendendo-lhe todas as cóleras, dominando-o, como se Maria fosse propriedade sua, exclusivamente sua por direito inalienável. Via-a caída pelo acadêmico, toda voltada para ele, amando-o talvez, preferindo-o a todos os outros homens, entregando-se-lhe. E o que seria dele João, depois? Nem mais uma beijoca na boquinha rubra e pequenina, nem mais um abraço ao voltar da escola, cansadinha, o rosto afogueado pelo calor; nem mais uns cafunés, nem um sorriso 10 daqueles que ela sempre tinha para o padrinho... Isto é que o desesperava!

Desde a saída de Maria do colégio das irmãs de caridade tinha se operado uma mudança admirável nos hábitos de João da Mata. Ela já era para ele como uma filha; estava quase moça, incomparavelmente mais bonita e fornida de carnes. Já não era, que esperança! aquela Maria do Carmo da *Imaculada Conceição*, toda santidade, magrinha, com uma cor esbranquiçada e mórbida de cera velha, o olhar macilento, a falar sempre no padre 15 reitor e na superiora e na irmã Filomena e noutras pieguices. Uma tontinha a Maria naquele tempo. Quando ia passar o domingo em casa, uma vez no mês, metia-se para os fundos do quintal ou pelas camarinhas, muito calada, muito sonsa, a ler a *Imitação*\*; não chegava à janela, não aparecia às visitas, doida por voltar ao colégio. Aquilo punha o padrinho de mau humor. Uma coisa assim fazia até vergonha a ele que detestava tudo quanto cheirasse a sacristia. Porque João da Mata dizia-se pensador livre; não acreditava em santos, e maldizia os padres. Jesus, na sua opinião, era uma espécie de mito, uma como legenda mística sem utilidade prática.

(CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. São Paulo: Editora Três, 1973.)

\*A *Imitação de Cristo*

**Questão 05**

***À noite, quando eu ia deitar-me, ao passar pelo corredor escuro com minha lâmpada, uma sombra me apagava a luz e um beijo me pousava nas faces, nas trevas.***

***Muitas noites foi assim.*** (texto C, l. 18 - 20)

***Nem mais uma beijoca na boquinha rubra e pequenina, nem mais um abraço ao voltar da escola, cansadinha, o rosto afogueado pelo calor; nem mais uns cafunés, nem um sorriso daqueles que ela sempre tinha para o padrinho...*** (texto D, l. 8 - 10)

Os textos acima são representativos de duas correntes estético-literárias.

Identifique essas correntes e explique como em cada texto o autor caracteriza a intimidade entre os personagens.

**Questão 06**

***quando o pejo a incendia*** (texto C, l. 16)

Neste fragmento o narrador empregou um verbo raro – *incender*.

Apresente dois argumentos que sirvam para provar que a forma verbal sublinhada **não** corresponde a uma flexão do verbo *incendiar*.

**Com base nos textos E e F, responda às questões de números 07 a 10.****TEXTO E**

Uma noite – eu tinha dezessete anos – Octavio de Faria e eu fomos tocando a pé da Galeria Cruzeiro até a Gávea, onde ficava minha casa, na Rua Lopes Quintas. Não era infreqüente fazermos isso, à base da conversa. Era um hábito da amizade entre o calouro e o veterano da Faculdade de Direito do Catete, aquele passeio noturno povoado das sombras de Nietzsche e da pantomima de Chaplin. Lembro-me que à meia-noite, bem alto, na estrada de Orion, brilhava uma lua como nunca vi mais cheia, a cabeleira solta, os seios nus, o olhar de louca a me varar o peito de súplicas e doestos<sup>1</sup>.

Era tal o mistério dessa noite que agora mesmo, escrevendo na minha sala noturna, sinto os cabelos se me içarem de leve, como se fosse sentir novamente sobre eles a mão macia da lua cheia.

Deixei Octavio de Faria no seu bonde de volta e subi Lopes Quintas, rumo a casa. O sossego era perfeito, total o sono do mundo. Só, às vezes, subitamente, dos espaços descia um braço de vento que varria as folhas secas da rua e empinava papéis velhos como hipocampos<sup>2</sup>. Transpus, ansiado, a distância familiar que me levava para alguma coisa que sentia vir mas não sabia o que era. Em casa, galguei rápido as escadas para o meu quarto no primeiro andar, e fui sentar-me ofegante à escrivaninha antiga, a mesma que tenho hoje, a mesma que suportou na infância o peso da minha ambição de ser poeta. A janela estava aberta, e em sua moldura a lua viera se postar, os olhos cravados em mim.

Não sei como foi, mas sei que foi diferente de tudo o que sentia antes. Meus ouvidos, como conchas, pareciam recolher os ruídos mais longínquos do mar que estilhaçava em mim. Ouvi o sopro da noite, o cair das folhas, o germinar das plantas que boliam fora, na mata próxima ao Corcovado, e ali perto, no jardim. Pombas vazaram do meu coração, deixando-me dentro, a se debater, a grande ave inimiga que me feria com suas asas querendo sair também, fugir, voar para longe. Senti-me sem peso, sem dimensão, sem matéria. Meu ser volatilizou-se para a lua, transformado ele próprio em substância lunar. E comecei a escrever como nunca dantes, liberto de métrica e rima, algo que era eu mas que era também diferente de mim; algo que eu tinha e de que não participava, como um fogo-fátuo a crepitar<sup>3</sup> da minha carne em agonia.

Linha por linha, como psicografado, o poema – o meu primeiro poema – começou a brotar de mim.

O ar está cheio de murmúrios misteriosos...

(MORAES, Vinícius de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.)

<sup>1</sup>insultos, injúrias

<sup>2</sup>cavalos-marinhos

<sup>3</sup>estalar

**TEXTO F****PSICOLOGIA DA COMPOSIÇÃO**

Não a forma encontrada como uma concha, perdida nos frouxos areais como cabelos;	mas a forma atingida como a ponta do novelo que a atenção, lenta, desenrola,
não a forma obtida em lance santo ou raro, tiro nas lebres de vidro do invisível;	aranha; como o mais extremo desse fio frágil, que se rompe ao peso, sempre, das mãos enormes.

(MELO NETO, João Cabral de. *Serial e antes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.)

**Questão 07**

Os textos E e F retratam formas pelas quais os poetas lidam com o surgimento da poesia.

Compare esses textos e defina como cada um deles explica o momento da criação poética.

---

**Questão 08**

João Cabral utiliza nas três primeiras estrofes formas nominais dos verbos.

Transcreva os versos em que elas são empregadas e explique o efeito estilístico desse emprego.

---

**Questão 09**

Transcreva do texto de Vinícius de Moraes um trecho em linguagem figurada no qual o impulso criador é expresso como experiência simultânea de sofrimento e libertação.

---

**Questão 10**

O texto de Vinícius de Moraes é uma curta narrativa cujos personagens principais são o poeta e a lua.

Explique por que a lua é também um personagem e como se modifica a relação entre ela e o poeta.